

Interseccionalidade e velhices femininas: uma escrita inspirada na média metragem “A velhice ilumina o vento”

Raquel da Silva Pavin



A presente escrita tem como objetivo realizar a reflexão acerca da interseccionalidade e as velhices femininas com autoras de referência que refletem sobre o tema e inspirada em alguns fragmentos elencados na média metragem “A velhice ilumina o vento” (2022), com roteiro de Juliana Segóvia e protagonizada por Benedita Silveira (Valda). A conexão entre as categorias teóricas e a ludicidade nos possibilita uma maior compreensão das vidas tecidas em sociedades complexas.

Uma mulher negra, idosa, periférica e trabalhadora doméstica, assim nos aproximamos de Valda, protagonista da média metragem. Essa história se passa em Cuiabá (MT) mas, quantas Valdás conhecemos neste Brasil? Nesta obra, Juliana nos provoca uma importante reflexão quando traz Valda rompendo paradigmas esperados para “sua idade”, rompendo com estigmas e com o idadismo.

A velhice iluminando o vento, nos lança o desafio de problematizar sobre as interseccionalidades que penetram as velhices brasileiras. Quando Valda, comenta “_Se eu chegar atrasada a patroa desconta” conseguimos dimensionar de onde a personagem tece sua vida, enquanto mulher negra e trabalhadora. Para compreendermos como a interseccionalidade atravessa e penetra a vida em sociedade, destacamos algumas autoras.

Carla Akotirene (2019), na obra “Interseccionalidade”, destaca que a categoria de análise permite que “feministas façam a crítica política a fim de compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (p. 38). Também ressalta que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas [...]” (p.61). Frente a esta perspectiva, e

relacionando com o que autora salienta sobre a experimentação da velhice via discriminação geracional (2019), quando traz:

[...] as discriminações geracionais impostas pelo mercado de trabalho, o qual as consideram velhas; e de classe, porque perdem o dinheiro da aposentadoria para netos e adultos da família, é a marcação de raça que garantirá as mulheres brancas seguridade social, isso pois essas tiveram emprego formal, e a marcação de classe irá mantê-las na condição de patroas [...] para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar vide o racismo estrutural que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos - marido e patroa - querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. Independentemente da idade, o racismo infantiliza as mulheres negras. Velhice é como a raça é vivida; e classe-raça cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo. (AKOTIRENE, 2019, pp. 26-27)

Para Dantas (2021), a abordagem interseccional é uma ferramenta analítica que permite compreender as especificidades que atravessam as velhices femininas, de forma objetiva, esse instrumento busca evidenciar e questionar sobre as multiplicidades sociais e culturais tão complexas. Para Collins e Bilge (2021) a interseccionalidade de forma mais universal, pode ser entendida como.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - isso são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS e BILGE, 2021, pp. 15-16)

Desta forma, a interseccionalidade vai visibilizar as opressões e desigualdades sociais vividas por indivíduos e grupos sociais que vivenciam processos de vulnerabilidade social, mas, também, permite que possamos, através destes pontos de intersecção, problematizarmos e criarmos respostas, formas de resistir, vias de enfrentamento e justiça social.

Assim, voltamos à vida de Valda, quando ela pronta para tomar um ônibus para o baile é agredida: presentes o racismo e o idadismo, violências e opressões que estão impregnadas na realidade brasileira, num imaginário social preconceituoso e racista, que dita onde os corpos velhos e negros devem estar.

Se a interseccionalidade é uma métrica que nos auxilia a identificar as desigualdades vividas por mulheres que envelhecem, também são as formas de resistir. Valda nos diz “_eu nem ligo, se eu ligar eu tô dando razão para ele”. Para Nogueira (2017), Akotirene (2019), Collins (2021) e Aquino (2017), a interseccionalidade permite entender como as categorias estão interligadas e se manifestam em distintos níveis de desigualdade social, considerando que não

Interseccionalidade e velhices femininas...

acontecem de forma isolada, mas tecem um sistema de opressão que resulta em múltiplas maneiras de discriminação e estereótipos (AKOTIRENE, 2019 e NOGUEIRA, 2017).

Ao ressaltar a reflexão sobre envelhecimento feminino e as múltiplas formas de vivenciar a velhice, buscamos compreender as experiências que se atravessam dentre os eixos de opressão nas histórias de vida, considerando os distintos territórios, estereótipos e subordinação que oprimem essas vidas (COLLINS, 2000) por meio de uma abordagem interseccional crítica, localizar as diferenças identitárias, visualizando privilégios sociais e materiais.

Para Nogueira (2017), na discussão sobre a teoria da interseccionalidade, “o gênero não é um componente isolado da identidade pessoal, a identidade é interseccional” (p. 137). Salienta, também, que identidade e gênero são componentes que caminham juntos com raça, classe, orientação sexual, capacidade física e geração e são de suma importância para refletirmos sobre interseccionalidade de identidade, faz-se necessário pautarmos algumas discussões para além do gênero, quando salientamos “pertencas identitárias” (p.139).

Nogueira (2017) salienta que a categoria “interseccionalidade” nos permite, para além do entendimento teórico, respostas políticas e complementa que “a teoria da interseccionalidade tem sido a resposta teórica que tem surgido nos últimos anos dentro dos feminismos como resposta a estas questões de diversidade dentro do grupo das mulheres [...]” (p. 141). Observa, ainda, a contribuição deixada por McCall (2005) que permite entender e problematizar de forma mais abrangente a “teorização feminista antirracista no que diz respeito à questão de identidade e opressão” (p.142). O legado teórico deixado pela cientista política subsidia a reflexão sobre a necessidade de:

Examinar como as várias categorias (social e culturalmente construídas) integram a múltiplos níveis para se manifestar em termos de desigualdades sociais. Acredita-se que os modelos clássicos de compreensão dos fenômenos de opressão dentro da sociedade, como os mais comuns baseados no sexo/gênero, na “raça” /etnicidade, na classe, na religião, na nacionalidade, na orientação sexual ou na deficiência, não agem de forma independente uns dos outros; pelo contrário essas formas de opressão inter-relacionam-se criando um sistema de opressão que reflete a intersecção de múltiplas formas de discriminação. (NOGUEIRA, 2017, p. 146)

A mesma autora ao se referir aos estudos originários sobre interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, nos anos 80, aponta que:

[...] a experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e sexismo e qualquer análise que não tome a interseccionalidade em conta não consegue de forma correta ter em consideração as formas particulares de subordinação de muitas mulheres [...]. (NOGUEIRA, 2017, p. 149)

Interseccionalidade e velhices femininas...

Complementa destacando que numa abordagem ou análise interseccional se recusa à “essencialização das categorias” (p. 149), como se todos os componentes de um conjunto social compartilhassem as mesmas vivências, desejos ou características. De forma inversa, defende a que a experiência da intersecção denuncia duas ou mais bases de opressão: “multidimensionais e relacionais, nas localizações vividas, das forças sociais e dos sistemas de discriminação e subordinação que se intersectam” (NOGUEIRA, 2017, p. 150).

Frente às importantes reflexões trazidas sobre a categoria analítica e crítica, a interseccionalidade nos provoca a pensar sobre as vias de opressão vividas pelos corpos femininos e, também, as possibilidades de resistência. Essas opressões na trama são manifestadas quando o filho da personagem tenta impor valores morais sobre sua idade, ditando a regra do que “pode” ou “não pode” ser feito por uma mulher idosa. A quem cabe essa escolha? Valda, expressa sua resistência, dizendo “_Ah verdade eu já cansei de falar para você a minha [verdade] quem faz sou eu e a minha verdade é dançar e beijar na boca”, rompendo com as manifestações estereotipadas e reproduzidas socialmente.

Problematizar sobre as velhices femininas pressupõe discutir sobre os pontos de intersecção “raça, classe e cidadania”. Uma vez que manifestam as opressões vividas nesta fase da vida, torna-se urgente a abordagem interseccional para um debate crítico sobre o feminismo em uma sociedade tão desigual. Em consonância, destaca-se a pauta trazida por Aquino (2017), quando evidencia a reflexão sobre “*Geração, gênero, classe e raça: intersecção necessária*”. Em seu estudo, a pesquisadora dá ênfase sobre a urgente relação do envelhecimento humano, em especial de mulheres, pois, para ela, existe um “silenciamento do marcador geracional” (p. 6), o que dificulta o fomento de pesquisas e conseqüentemente ações governamentais. Salaria que se faz necessário pensar esse processo de envelhecer em sociedades desiguais, observando a diversidade das velhices, de forma plural.

O processo de envelhecimento não ocorre uniformemente os marcadores de gênero, classe e raça também devem ser analisados neste contexto, uma idosa que pertencente às camadas populares apresentará problemáticas mais complexas em todos os campos de sua vida, em contraponto a mulheres da mesma faixa etária, brancas e pertencentes a classes abastadas, fato que influenciará diretamente no bem-estar e expectativa de vida destas mulheres negras, idosas e vulneráveis. (AQUINO, 2017, p. 5)

São estas, em sua maioria, as mulheres que estão à frente das diversas responsabilidades com netos(as) e familiares, sendo componentes principais das redes de apoio e mantenedoras dos lares. Desta forma, como não pautar a interseccionalidade para que possamos aprofundar e conhecer quem são as mulheres que envelhecem na realidade brasileira. Aquino (2017) nos auxilia a refletir exemplificando:

[...] uma mulher negra, idosa e pobre sofrerá com diferente intensidade do machismo em comparação a uma mulher branca

Interseccionalidade e velhices femininas...

e pertencente a uma classe financeiramente abastada, mesmo que idosa. Uma mulher jovem branca sofrerá diferentes opressões que as enfrentadas por uma mulher jovem e negra. Logo, percebe-se que a mulher negra carrega o fardo do racismo aliado ao sexismo, quando idosa esta mesma usuária encontrará, possivelmente, limitações de ordens físicas, psicológicas, ou a soma destas, o que provoca maiores entraves para o atendimento de suas demandas. (AQUINO, 2017, p. 6)

Em um diálogo entre os estudos de Aquino (2017) e a média metragem, podemos voltar até a cena em que Valda percebe as opressões reproduzidas pelo sexismo, essas que impõem a inúmeras mulheres um papel social destinado a reprodução, a servir a casa, aos seus parceiros, e a predestinação de viver o fim da vida sozinhas. Quando a personagem traz a seguinte fala: “_não quero mais meu querido, nenhum vampiro me sugando, então vou te pedir arruma suas tralhas, suas coisas e desapareça da minha casa vai embora” e Agenor responde “_você vai ficar sozinha preta velha e sozinha” e ela completa “_eu sozinha nunca meu amor, eu tenho a mim”, podemos perceber a importância de identificarmos essas opressões, não somente em um ambiente acadêmico, teorizando conceitos, mas colocando estes em movimento na prática cotidiana, em nossas conversas informais, com nossos pares, nos grupos que mediamos e compomos.

Assim, é necessária e urgente a abordagem interseccional crítica, para que possamos problematizar realidades distintas, bem como elaborar formas de resistir a tantas desigualdades que estruturam os terrenos sociais, culturais, econômicos e políticos em que tecemos nossas vidas. E, desta forma, poderemos ouvir mais vezes “_Levo meu rumo na minha mão”.

Referências

A Velhice Ilumina o Vento. Direção: Juliana Segóvia, MT, 2022, (21m), digital, color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_Zbernyqwo Acesso em: 07 mar 2023.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. Coleção Feminismos Plurais/ Coord. Djamila Ribeiro.

AQUINO, Raisia Conceição Barbosa De. Geração, gênero, classe e raça: intersecção necessária. Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31487>>. Acesso em: 21 fev 2023.

COLLINS, Patrícia H.; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021.

DANTAS, Anne Joyce Lima. Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade. Orientador: Aluísio

Interseccionalidade e velhices femininas...

Ferreira de Lima. 2021. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

MCCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. *Signs: Journal of women in culture and society*, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Salvador: Devires, 2017. 130 p.

Data de recebimento: 21/02/2023; Data de aceite: 12/03/2023

Raquel da Silva Pavin - Assistente Social, especialista em Envelhecimento e Qualidade de Vida, mestra em Políticas Sociais e Serviço Social, Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais, Graduanda em Gerontologia. Estudiosa das velhices e autora do livro: "Mulheres idosas e o apoio social". E-mail: pavinraquel@gmail.com Instagram: @geronidade